

*1-32 terça-feira, 25 de Novembro de 2003 < sistema-1-13-at-
ce> merge de 13 files da série <sistema> 1987*

*domingo, 12 de Junho de 2005-> este merge é mais do que um
merge de 8 files <sistema>: um compact longo mas sinóptico de
algumas ideias fulcrais na ideia ecológica . Merece duas vezes
cinco estrelas - a maioria dos textos são de 1987 mas evocam
datas 1977, 79, 81, and so on*

+

*<sistema-1> o sistema contra os ecossistemas – os dossiês do silêncio – unideologia
– esboços de ecologia humana*

AS CONTRADIÇÕES DO MACRO-SISTEMA - I

1 de Julho de 1987 - O efeito diferido típico do Macro-sistema (que vive de ir matando os ecossistemas), nota-se, com particular acuidade, em casos como o síndrome do óleo tóxico, ocorrido em Espanha, durante o ano de - - - - e que fez milhares de vítimas.

Por mais "justiça" que o tribunal venha a fazer, a posteriori, é impossível devolver a vida aos que morreram e saúde aos que ficaram estropiados para o resto da vida.

Há depois a zona neutra dos atingidos mas que, não revelando sintomas tão tipificados como as vítimas de primeira linha, nem sequer são tomados como vítimas, até para efeitos de receberem quaisquer futuras indemnizações determinadas pelo tribunal.

O volume do processo, a morosidade das sessões de tribunal, o número de provas contraditórias que sucessivamente alteram o quadro de probabilidades, evidenciam as características peculiares de casos como este do "óleo tóxico", reforçando a ideia de que a Ecologia Humana é uma ciência complicada que põe ao investigador problemas insolúveis, conduzindo à ideia apocalíptica de processo incontrolável, irreversível, em escalada.

A Ecologia Humana procura um "criminoso", o que torna a pesquisa científica, em tais casos e em tais "laboratórios", uma investigação policial.

Não será, no entanto, este carácter de novela policial que torna a Ecologia em geral e a Ecologia Humana em particular, mais atraente, aliciante ou agradável.

Continuamos a estar perante matérias que só um espírito forte pode encarar , embora com náusea, e estudar.

Em Ecologia em geral e ecologia humana em particular, investigar é ter sempre o credo na boca e uma angústia no coração.

As cobaias , neste caso, não são ratos nem coelhos : podemos ser nós, pode ser um de nós, apanhado de surpresa, por qualquer desastre ou catástrofe industrial, por qualquer Chernobyl, Bhopal, Seveso.

Por mais que os filósofos evolucionistas nos tenham querido convencer de que os homens são apenas animais ou máquinas, algo existe diferente e especificamente humano, que acaba por emergir a cada nova chacina do progresso.

Difícilmente o espírito humano aceita que a Humanidade continue a servir de Cobaia neste grande laboratório de ecologia humana em que se transformou a desastrosa e biocida sociedade industrial.

+

<sisistema-2> - inédito ac de 5 estrelas – 1982? - questões virgens - teses incômodas - o que ninguém ousa dizer – entrevista-testamento – as teses de ac – tese de 5 estrelas

PROBLEMAS QUE NÃO SÃO PROBLEMAS MAS QUE SUSTENTAM O SISTEMA

1982? - Atenção ao principal sofisma com que o sistema mistifica a opinião.

Os chamados “grandes problemas” da sociedade não são problemas mas apenas a condição *sine qua non* que sustenta, aguenta e alimenta esse sistema.

Não são erros de percurso, buracos a remendar, falhas no mecanismo, coisas susceptíveis de reforma ou revolução - sem esses "problemas" entre aspas, o sistema cairia em segundos.

Há "problemas" que alimentam e sustentam a sociedade tecno-burocrática, problemas que, portanto, são a condição *sine qua non* do sistema e que este não resolveu, não resolve nem resolverá jamais, porque não quer, porque não lhe interessa resolver.

O desemprego é um dos mais evidentes. Bastaria a redução das horas de trabalho por semana, medida já tomada por Leon Blum, em França, em Maio de...1936, e que resolveu a "crise" em menos de um ano.

A poluição é outro “problema” que interessa manter. Se não houvesse poluição, teria que se inventar - como disse alguém. Ela assegura, só por si, o grau de intoxicação (alienação) necessário para que o sistema possa pôr e dispor do rebanho que tem à sua guarda..

Mas se virmos com atenção a outra face (nunca falada) de poluição que é o cancro como endemia do nosso tempo, verifica-se claramente a vantagem que a sociedade tecnoburocrática tem em manter a poluição e as indústrias ligadas ao chamado "combate médico contra o cancro".

Se o cancro rende, todos os dispositivos do mercado estão orientados para render mais ainda.

Mas não é tudo: como ameaça potencial pairando sobre todo o agregado, o cancro funciona também como "arma de guerra psicológica": os doentes, em pânico, lançam-se nas mãos de qualquer ditador, seja ou não médico.

O cancro - quer dizer - a poluição origina uma série fabulosa de indústrias ditas para o combater, as quais garantem postos de trabalho. Para manter os postos de trabalho, não interessa, portanto, solucionar nem o cancro, nem a poluição, nem o desemprego.

O Ruído - como caso especial da Poluição - é outro "problema" que não interessa ao sistema resolver.

Ele é a máquina de alienar mais económica e eficiente, as próprias vítimas fornecem a mão-de-obra, visto que são elas a accionar as fontes produtoras de ruído.

O ruído - como estado de super-intoxicação psíquica - é portanto um viveiro de indústrias a manter. Os psiquiatras são apenas uma das muitas classes que ganham com o ruído. Seguem-se os farmacêuticos. E, de uma maneira geral, todas as clínicas ligadas a doenças do foro neurológico e psiquiátrico. Nenhum governo vai acabar com o ruído.

A estes exemplos de "problemas" entre aspas podíamos acrescentar uma lista de muitos outros que o sistema não resolverá enquanto deles obtiver lucros ou dividendos políticos:

- mortes na estrada
- deformações e deficiências provocadas por medicamentos e centenas de consumos
- a "crise energética" que é apenas o energivorismo do sistema e do qual ele não quer abdicar
- habitação: não resolver o "problema" da habitação é, tal como o desemprego, manter as massas no mal estar, na angústia, na instabilidade, no stress, na submissão, na humilhação da miséria;
- a chamada "crise do mundo rural e agrícola" : um fenómeno que foi sistematicamente provocado, mantido, agravado, é evidentemente um "problema" que ninguém esteve, está ou estará interessado em resolver: enquanto o sentido imposto pela exploração tecnoburocrática for despovoar os campos para, nas grandes cidades, nas cidades-pesadelo, fazer funcionar com maior rentabilidade, os mecanismos da repressão, da alienação e da destruição.

Aliás, qualquer dos outros "problemas" entre aspas - poluição, cancro, ruído, desemprego, morte rodoviária, deformação e deficiência psico-somática, energivorismo, habitação, etc. - sendo problemas da Macrocefalia são, portanto, consequências do que acima de tudo o sistema quer e necessita: arrancar o homem à Terra, arrancar a Terra ao Homem.

+

< sistema-3 > os dossiês do silêncio – inédito ac de 1982 – tese de 5 estrelas – o sistema contra os ecossistemas – a engrenagem -

A AVIDEZ DO SISTEMA: OS INSACIÁVEIS

17/11/1982 - A avidez do sistema e a sua tendência de escalada - "mais, mais, sempre mais" - é exemplificada pela micro-cirurgia de alta especialização.

Cada microscópio cirúrgico custa mil contos, pelo que toda a actividade operatória dentro desta modalidade ascende a custos proporcionais dessa "base".

Implica, portanto, altos investimentos, alta especialização e, portanto, altos custos que alguém... há-de pagar. Nem sempre os doentes directamente, mas nós todos indirectamente, através dos meios legais, fiscais ou de Segurança e Previdência.

O sistema reclama sempre mais: mais microscópios, mais dinheiro, mais equipamento, mais cirurgiões, mais... doentes. Porque, um sistema tão caro como este, uma vez instalado tem que se "rendibilizar" e só se tiver uma "elevada taxa de ocupação" - uma certa média de operações por dia - isso acontece.

Primeiro, portanto, antes do sistema instalado, o slogan de queixa é: "precisamos de mais dinheiro e mais material."

Depois de instalado, o slogan não se ouve mas fica implícito e parafraseia a urgente, ávida exigência: "mais doentes, sempre mais doentes para a mesa..." porque o banquete tem de continuar.

2

Que perigo há em que os materiais de construção e decoração das casas sejam cada vez mais inflamáveis - se a tecnologia micro-electrónica dos microprocessadores já prevê lançar no mercado sistemas de controlo do fogo, permitindo "a sua localização,

intensidade e velocidade de propagação , ao mesmo tempo que indica aos ocupantes os melhores caminhos de saída e avisa, os Bombeiros através de monitores de vídeo?"

De facto, perante tal eventualidade, todos podem estar tranqúilos em arranha-céus de 10, 15 , 20 andares, embora os bombeiros só possam actuar até ao 5º ... Lá está a electrónica, no ano 2000, a prometer resolver tudo, incluindo indicar ao fugitivo a escada de saída do arranha-céus onde o fogo o tiver encurralado.

Os construtores de ascensores, amigos da humanidade, já previram tudo e lançaram no mercado um modelo próprio para incêndios em arranha-céus !

As torres do Nuno Abecasis - o Dallas português - são o que de melhor a civilização produziu, Estejam tranqúilos, nada de pânico, a micro-electrónica previu tudo e nada melhor do que uma torre para imortalizar a megalomania de qualquer ambicioso autarca.

AS CONTRADIÇÕES DO SISTEMA

Ao ecologismo só secundariamente interessam as contradições superficiais e aparentes desta sociedade, as antinomias conjunturais.

Ao ecologismo interessam pouco as "guerras" em que as forças sociais se envolvem , dando a prioridade à contradição fundamental - o sistema contra os ecossistemas

As dicotomias superficiais servem muitas vezes para esconder as contradições de fundo do imperialismo industrial e da super-estrutura ideológica (a tecnocracia) que o serve.

De onde poder afirmar-se que as guerras, lutas e conflitos com que diariamente se enche o mundo de sangue, pouco tem a ver com o conflito hoje central.

Para lá da chicana em que eleitoralmente se envolvem os partidos e mesmo os grandes blocos mundiais, um factor comum os une: todos estão de acordo no desenvolvimento, no imperialismo industrial, no homem ao serviço da Economia.

Ecologia, na acepção de realismo ecológico, é estudo, conhecimento e domínio das leis que regulam o funcionamento desse sistema. Tentemos enunciar algumas das contradições de fundo com as quais o ecologismo se preocupa.

I

Assente nas actuais premissas - todas elas anti-ecológicas - a sociedade industrial torna inoperantes, na prática, as acções que no seu contexto se dizem de combate à poluição , defesa do Ambiente, Protecção da Natureza.

Consciente dessa contradição fundamental - não se pode apagar o fogo, regando-o com gasolina - o realismo ecológico orienta em função dela a sua estratégia de "greve geral à sociedade da violência."

II

Outra contradição em que assenta a sociedade da violência, evidencia-se ao nível da energia.

Um sistema essencialmente energívoro volta-se agora, com a chamada crise petrolífera, para todas as energias que se mantinham proibidas ou em segredo, ou promove hipócritas campanhas de poupança.

O ecologismo visa o desmantelamento do sistema energívoro enquanto tal e não se propõe alimentar a sua voracidade recorrendo a todas as energias, velhas e novas. Denuncia igualmente todas as campanhas em prol de novas energias ou novas

poupanças, tácticas afinal para manter indefinidamente e sem mudança o sistema energívoro que está.

Não é adoptando energias livres, limpas e infinitas que o sistema energívoro deixa de ser o que é e que o ecologismo deixará de o combater na sua essência. Na sua contradição fundamental.

III

Outra contradição evidencia-se ao nível dos consumos.

Enquanto o sistema se apoiar, para subsistir, na reprodução das próprias premissas em que se apoia, de nada adianta dizer, dentro dele, que se faz uma reconversão de consumos, substituindo, por exemplo, os mais tóxicos, venenosos e químicos por outros mais naturais e biológicos.

Independente das mudanças operadas a nível destes ou daqueles consumos, é o sistema consumista que está em causa.

IV

Outra contradição evidencia-se no conceito de desenvolvimento.

Um sistema que baseia o seu desenvolvimento urbano e industrial na macrocefalia concentracionária e, conseqüentemente, na destruição, despovoamento e desertificação das zonas rurais, fala depois em descentralizar e em regionalizar.

Dentro do sistema concentracionário, porém, a descentralização e a regionalização são mera figura de retórica. Estas só têm sentido e conteúdo como tácticas decorrentes de uma estratégia política global desconcentraciionária ou de renascimento rural, em todos os domínios, a começar no energético.

V

Outra contradição evidencia-se ao nível da economia. Um sistema de desperdício - por natureza anti-económico - acorda de repente a dizer que vai reciclar os "desperdícios".

A todas as propostas ou campanhas de reciclagem, conservação, protecção de espécies, manutenção de recursos, poupança de gastos e defesa do património, dentro do sistema que é o contrário de tudo isso, antepomos e denunciámos o facto de todas essas tácticas não poderem funcionar dentro de uma estratégia que as contradiz e anula de raiz.

VI

Outra contradição evidencia-se ao nível das relações humanas.

Ainda que diga que sim, nunca servirá o cidadão, a pessoa humana, os direitos do homem, os valores do espírito e da cultura, um sistema que se apoia exactamente na tirania das maiorias.

É evidente ainda que um sistema fautor de guerra não tem coerência para preconizar a paz.

VII

Perante um sistema baseado na exploração da Natureza, no energivorismo galopante, num consumismo canceroso, numa escalada concentracionária, não nos deixamos iludir com as aparentes alternativas ecológicas que esse mesmo sistema se auto-receita, não para ultrapassar a sua permanente crise mas para perdurar algum tempo mais.

VIII

Outra contradição aparece ao nível da antropologia cultural e traduz-se em termos de civilização.

Um sistema que tem conseguido fazer regredir a espécie humana a níveis inverosímeis de barbárie, fala então de progresso. Os técnicos seriam a própria incarnação do progresso, segundo afirmam nos seus discursos.

É evidente que não tem moral, nem autoridade, nem lógica falar de progresso num sistema em constante retrocesso, falar de civilização num sistema que de hora a hora barbariza as relações humanas, falar de cultura num sistema que se baseou e ainda baseia na destruição e etnocídio de todas as culturas originais da Terra, na supressão violenta da arte, da tecnologia, da indústria e da ciência tradicional.

Só pode falar de progresso quem o cria e fomenta. E de civilização, os homens civilizados. Que, para já, são os ecologistas. E, depois, quem se queira inscrever.

+

< sistema-4 > os dossiês do silêncio – os retrocessos do progresso – inédito ac de 1980 – as leis do sistema – esboços de ecologia humana

DOENÇAS DA CIVILIZAÇÃO: O PREÇO DO PROGRESSO (*)

1980? - Entendida a sociedade como um corpo orgânico e os "males sociais" como doenças desse corpo, abre-se um método de diagnóstico que tem provado, na perspectiva do realismo ecológico, uma interessante fecundidade.

Mau grado os que possam ver nesse método reminiscências de um organicismo que, segundo eles, fez época e está ultrapassado, mau grado a aparente falta de rigor que uma metáfora pode conter, a verdade é que na prática a "metáfora predilecta" - crise como doença e doenças como sintomas dela - se tem mostrado, além de útil, de grande rigor.

Se o sintoma nos leva até às causas, a démarche é científica. Isolar o sintoma e combatê-lo como tal, a jusante, é anti-científico, pouco progressista e nada revolucionário.

Se a poluição, o desemprego, a inflação, o terrorismo, a desabitação, o cancro, o bairro da lata, a delinquência, a criminalidade, o suicídio, a droga, o alcoolismo - todos os indicadores, enfim, contidos na lista elaborada e publicada pela "Frente Ecológica" - nos servirem como aviso que são para uma leitura ecológica da realidade, quer dizer, se nos remeterem, enquanto sintomas às causas que os provocam, o diagnóstico da doença está certo e é possível, é provável que a terapêutica certa resulte também.

Aliás, o discurso oficial usa parcialmente a mesma nomenclatura, visto que fala em diagnóstico e terapêutica. O Ministro das Finanças do IX Governo, Ernâni Lopes, largamente tem glosado o tema das terapêuticas leves, de choque, radicais ou mais sintomáticas.

A questão política é evidentemente uma questão de diagnóstico. E o que distingue uma Ecológica de uma política *tout court*, à Esquerda, à Direita ou ao Centro, é que

uma leitura ecológica teima em ir às raízes, ainda que saiba nem sempre poder aplicar uma terapêutica causal ou radical.

II

Se incluirmos o tabagismo na lista dos sintomas, consequências, avisos ou indicadores, não só se corrige a relativa hipertrofia que tem sido dada por uma certa retórica-propaganda a esse sintoma entre outros - polarizando na luta anti-tabágica as energias que podiam aplicar-se em lutas bem mais incômodas para o sistema - como se notará melhor a atrofia que outros, bem graves, sofrem junto da opinião pública.

Como todos os consumos provocantes - e é nesta categoria que o tabaco deve ser lido, interpretado, diagnosticado, compreendido - as leis do mercado determinam, muito mais que a vontade ou deliberação do consumidor, o modo e as modas como esse produto é consumido.

Cada produto ou consumo provocante é acompanhado por toda uma mitologia de felicidade paradisíaca, o que a propaganda e a publicidade naturalmente executam com marketing e *savoir faire*.

III

O novo e a moda são os mitos, os motores míticos que conduzem o cidadão a consumir tudo o que o mercado lhe vende.

Se desses consumos resultam doenças (doenças do consumo são outros tantos indicadores do estado geral do sistema) é muito possível que a propaganda acabe por demonstrar que essas doenças são saúde ou, na variante, que essas doenças são o "preço a pagar" pelos paraísos artificiais e até, *in extremis*, que determinadas doenças, exactamente porque exigem consumos caros específicos da classe rica, se poderão exhibir em sociedade como um sinal de *status*.

Daí que a moral da quantidade abranja também a própria doença, as próprias doenças provocadas por consumos: mais, mais, mais, é sempre para o sistema um sinal de progresso. Mais doença sê-lo-á também, ou mais armas, mais bombas, mais centrais nucleares, mais desastres, mais catástrofes, mais acidentes rodoviários.

Como Philippe Saint Marc notou, os desastres rodoviários são um progresso porque aumentam o produto nacional bruto. E até hoje os adeptos do PNB ainda não responderam a esta questão.

AUTO-BIBLIOGRAFIA

A Contabilidade da Morte : o exemplo francês - In " A Capital", 22.3.1980

O Preço que a Gente Paga pelo Progresso - In " A Capital" , 5.7.1980

Quem quer luxos, paga-os - In " A Capital", 13.12. 1980

(*) Pelo menos parcialmente (o ponto I), acho que este texto – que me parece inédito - já foi teclado

+

< sistema-5 > os dossiês do silêncio – o sistema contra os ecossistemas – a engrenagem – tese de 5 estrelas – o desenvolvimento do subdesenvolvimento -

O APERTAR DO CINTO EM 1983(*)

20/8/1983 - Se um dia o sol nascesse a poente ou, vice-versa, se pusesse a nascente, havia um levantamento geral da espécie humana. O povo revoltava-se e possivelmente fazia greve se, um dia, qualquer das leis da Natureza fosse violada.

Se, por exemplo, os objectos voassem em vez de caírem por força da gravidade, toda a gente urrava de justa revolta.

Mas toda a gente viola diária e naturalmente as leis naturais, e depois dizem que a culpa é do macaco quando em vez de chover seca, e em vez de Verão temos cacimba.

A economia que temos, por exemplo, a Leste e a Oeste, promete farturas-dá-misérias, garante-desenvolvimento-promove-subdesenvolvimento. Mas todos acham bem e chamam-lhe austeridade quando o mexilhão é que se lixa.

Ambientalistas e amigos da Natureza, agora acusados de apalpar seios a secretárias capitosas, foram metidos várias vezes em tribunal plenário por "travarem o progresso". Verdade seja que algumas leis da nossa política oficial do Ambiente parecem feitas (mais) para indignar o público contra essa política do que outra coisa.

A sanha de proibir a construção em defesa do ambiente num país que precisa de casas como de pão para a boca, é exemplo de leis em prol do Ambiente que impopularizam os do Ambiente. Mas a luta contra os clandestinos, apesar de super-impopular, foi encetada por alguns municípios, falou-se até em "grande coragem política" e coisa que ninguém se atreveria a dizer é que esses municípios, ao defender a lei e o Ambiente, estavam a travar o progresso.

Mas culpam os ecologistas de sub-desenvolvimento e da miséria a que chegámos.

Só que a Austeridade, agora como um raio em cima de nos, uma das medidas que tomará é travar o desenvolvimento.

Aí está mais uma cena de travesti em que a metafísica chamada Economia nos coloca. Mesmo com a espada do FMI em cima das nossas tolas, sabe-se que ainda há ministros desenvolvimentistas a estrebuchar, querendo à viva força que o país se empenhe em planos megalómanos como o que de Sines herdámos de antigas megalomanias.

Mas o Damocles do FMI é mais forte do que estes derradeiros estrebuchos que, aliás, também se estendem a certa Oposição da Terra Queimada que continua a acusar de não desenvolvimentista um Governo onde os ministros que advogam a energia nuclear, por exemplo, nunca foram tantos.

Coisas da vida: logo o sol, desta feita, vai nascer a poente. E vice-versa: pôr-se a nascente.

FORMIGAS NO COMPUTADOR

Mas o povo acredita e está sereno. Embora seja tudo só "fumaça", o povo pratica a austeridade na abundância, aperta o cinto rodeado de quilos de pudim flã, alumia-se à luz da vela com três centrais nucleares em cima dos costados fronteiros. Prometem-lhe a lua de foguetão mas nem as carripanas da Carris nesta Lisboa de cães funciona: Lisboa inteira mesmo não funciona, basta que uma formiga se meta no computador central dos semáforos.

O travão posto pelo acordo com o F.M.I. aos planos de desenvolvimento algo megalómanos e ditos de envergadura nacional, poderá afectar alguns que implicam maiores investimentos mas acelerar outros que, com impacto ambiental igualmente violento, exigem menores investimentos.

Se os planos chamados de capital-intensivo - Siderúrgico, Barragem de Alqueva, Petroquímico, Electro-Nuclear, Exploração de Urânio, Auto-Estradas e Vias Rápidas, - significam investimentos avultados e vão provavelmente ficar em stand by, já o mesmo não vai acontecer com outros, financiados por organismos internacionais ou por eles incentivados, mau grado o impacto negativo sobre o Ambiente: culturas agrícolas esgotantes (tabaco, cártamo, girassol, eucalipto), fibras sintéticas, Clorofenol de Estarreja (Sal-Cloro-Dioxina), Celulósico-Florestal, Prospecções Petrolíferas, Gasoduto soviético, Oleoduto da Nato, Aproveitamento de Pirites ; planos em que o capital estrangeiro proverá quando o capital português falhar.

MISÉRIA É NÃO ASSUMIR A POBREZA

Irá a imposta austeridade limitar os previstos planos de "crescimento industrial" a que se tem também chamado "desenvolvimento"? Saber-se-á quando, também aí, chegar o minuto da verdade. O que se pode afirmar, desde já, é que os planos caros de obras públicas para resolver problemas e satisfazer necessidades, podem ser substituídos por pequenas e médias soluções de "tecnologia intermédia" ou "apropriada" aos países pobres (!), pequenas grandes soluções que é costume receitar aos sub-desenvolvidos do Terceiro Mundo.

Se a austeridade imposta nos cortar os sonhos ambiciosos de desenvolvimento à moda da Europa, será que mesmo assim as pequenas grandes soluções das ta's (tecnologias apropriadas) não encontrarão ainda aqui eco e apoio?

Será que a mais negra miséria não nos faz ao menos assumir a grandeza da nossa pobreza, abrindo olhos, ouvidos e coração às ta's?

Os grandes planos de crescimento têm acima de tudo um grande defeito: se não podem e quando não podem realizar-se - por falta de dinheiro, técnicos ou até de envergadura administrativa - constituem o maior travão ao ...desenvolvimento. Deixam-nos no vazio. Se por exemplo , o Plano Siderúrgico Nacional - o maior investimento jamais concebido em Portugal - não for viável devido à crise-austeridade-FMI, será que nos vamos todos precipitar no Atlântico?

Afinal que tipo de mentalidades e que modelos de desenvolvimento nos mergulham no niilismo cataclísmico?

As pequenas grandes soluções das ta's são sempre viáveis, sejam quais forem as oscilações da crise, as subidas do dólar e os sacões do ouro.

Se após 6 anos de seca, segundo o grupo inter-municipal do Alentejo, se reclama 150 mil contos para uma situação em que 100 mil pessoas têm faltas de água graves, é caso para perguntar se as portas triunfais do Aeroporto decoradas por 150 mil contos valem mais que a sede de 100 mil pessoas nas duas maiores províncias do País.

Isto implica pelo menos uma pergunta: Será mesmo a economia uma questão moral?

SECOU A TETA E AGORA?

Prevenir fica mais barato do que remediar.

Exemplo: é mais económico conservar a saúde do que combater a doença. É mais económico evitar o acidente rodoviário do que manter as despesas (hospitalares e nem só) inerentes à sinistralidade.

É mais económico evitar indústrias hiperpoluentes, energívoras e devoradoras de água, do que, depois de instaladas, despoluir.

As soluções ecológicas são as mais económicas. Por definição e quando a lógica não é uma batata. A análise energética demonstra-o. Não significa que a racionalidade e a

lógica sejam, entretanto, o que mais apetece aos responsáveis, enquanto o desperdício, a doença e a insegurança derem lucros a alguns.

As pequenas grandes soluções - desde as pequenas barragens às técnicas de auto-suficiência e de auto-terapêutica - significam uma austeridade mais aceite do que imposta.

O quadro que nos continuam traçando da austeridade é tanto mais negro e negativo quanto mais for desenhado no fundo de uma mentalidade e de uma ordem económico-cultural de aberrante desperdício.

Fizeram-nos crer que estávamos aqui para consumir e mamar da teta da Natureza até rebentar, para depois nos dizerem que temos de apertar o cinto até ao osso. Pagar-se-á por atacado o que não se quis pagar a prestações. A média e pequena tecnologia acaba por ser imposta quando podia já ter sido livremente escolhida.

Quando o sistema macro-económico restringe e reprime, consegue-se notar melhor o valor das alternativas de auto-suficiência, das tecnologias apropriadas aos países pobres (coisa que nunca aqui se quis assumir, a pretexto de que seria "albanizar o País".)

Ou seja: quando sobem preços até ao delírio, era necessário que o consumidor pudesse dispensar o sistema, recorrendo ao "faça você mesmo" e ao "desenrasque-se" sozinho. Este princípio de autarcia evitaria que, no auge das crises, as pessoas fossem enforcadas nela, quando as estatizadas nos comem pelas pernas. Se as pessoas pudessem "desligar da rede geral" e ligar ao "gerador próprio" sempre que o quisessem e necessitassem, havia liberdade, pluralismo, democracia. Assim ha miséria, delinquência, criminalidade e suicídios em cadeia.

A RECICLAGEM

A Reciclagem aparece como um grande princípio em relação ao qual o sistema sempre manifestou má vontade. Fechar o circuito, reciclando materiais, significa dispensar, total ou parcialmente, o recurso ao sistema geral. Quanto mais à mercê do "estrangeiro" estiver o cidadão- consumidor-contribuinte, menos se poderá defender quando os preços sobem, a inflação nos come pelas pernas e o sistema de consumos estabelecido nos enforca.

Ideia tão óbvia e lógica como é a Reciclagem, razões fortes de inércia têm contribuído para que não surja como o sol que efectivamente pode ser nesta infindável noite desta infindável crise.

Sol, esse, que como todo o Sol que se preza, nasce naturalmente a nascente e naturalmente se põe a poente. Amen.

(*) Não me lembro com que título, este texto foi publicado no jornal «A Capital» (Crónica do Planeta Terra), 20/8/1983

+

< sistema-6 > os dossiês do silêncio – a engrenagem - o ciclo vicioso - a lógica da destruição ecológica – inédito ac de 1981 - a escalada – teses de 5 estrelas

AS LÓGICAS SECTORIAIS

MAIS ALGUNS EXEMPLOS RECENTES

Agosto de 1981 - A complexidade dos Macro-sistemas e sua inerente fragilidade foi claramente posta em evidência pela greve dos controladores aéreos, nos EUA, em Agosto de 1981.

Inevitavelmente, evocamos o célebre ensaio de Roberto Vacca sobre a ingovernabilidade dos sistemas.

Terão calculado os controladores aéreos as consequências que iriam desencadear no intrincado e complexo "ecossistema" onde os aviões desempenham um papel fulcral?

Pensaram eles nas questões de segurança que iriam criar?

A reacção defensiva que iriam provocar em outros controladores e aeroportos do Mundo?

Teriam eles a noção de que a sua greve (a sua lógica) poderia paralisar o tráfego aéreo mundial?

A inter-relação dos vários factores que integram um ecossistema estaria presente na mente dos que promoveram a greve?

E a pergunta impõe-se: grande parte das acções verificadas no Mundo actual - onde a guerra dos lógicas particulares que se digladiam entre si pode conduzir à destruição ecológica do Planeta - não serão, na perspectiva do ecossistema, cegas?

O factor "segurança", sempre presente nas notícias sobre a greve dos controladores aéreos, é claro factor de que todo o complexo processo desencadeado num complexo ecossistema pelas lógicas particulares desemboca fatal, necessária e objectivamente num processo ecológico.

AS LÓGICAS SECTORIAIS CONDUZEM À CATÁSTROFE

A tónica que se deve retirar destes dois acontecimentos da actualidade mundial - greve dos controladores aéreos, nos Estados Unidos e luta de trabalhadores franceses contra a decisão governamental de "congelar" a construção de centrais nucleares - é a dissonância flagrante, o choque frontal existente entre os justos interesses dos trabalhadores e os não menos justos interesses ou direitos que esse tipo de actuação (sectorial ou corporativa) vai pôr em causa e em risco.

Neste contexto é de evocar uma outra actuação - a tomada de reféns norte-americanos em Teerão - que, como se sabe, pôs o Mundo à beira da guerra nuclear.

É nesta acepção que a formulação ecológica dos problemas se pode tornar incómoda, impopular e difícil de defender em termos de esquerda.

Devemos ter a consciência disso: como e até onde a consciência ecológica dos problemas vai colidir com a consciência e a luta de classes em sentido tradicional.

Mas o supremo patético desta suprema contradição é que toda a vida e toda a Espécie Humana está suspensa de um tipo de actuação sectorial e restrita - de uma certa lógica abstracta - semelhante àquelas.

Pior ainda: a vida e a sobrevivência do Homem está suspensa de um computador que eventualmente se possa avariar.

A questão ecológica - perante a lógica particular do sistema informático que pode desencadear, sozinho, o holocausto nuclear - seria a questão de fundo se - suprema e risível contradição - as lutas, os interesses, as lógicas sectoriais e abstractas não se sobrepujassem, exactamente porque são, em si mesmas lógicas, a essa questão de fundo.

A teimosia de um Komeiny, a chantagem de um Reagan, a idéia fixa de um Brejnev, a má disposição de um computador do Pentágono podem desencadear um holocausto.

É esta fragilidade da lógica actual a fonte de todo o Terror. Terror lógico, sem dúvida. E que muitas vezes se reivindica de esquerda, ao serviço da classe operária.

+
<sisitema-7> os dossiês do silêncio – o sistema contra os ecossistemas – a engrenagem – inédito ac de 1987 – tese de 5 estrelas – inventários da catástrofe

AS CONTRADIÇÕES DO MACRO-SISTEMA

Lógica da destruição e alarmismos apocalípticos - Quem é pessimista e quem é optimista? - Ciclos viciosos, escaladas, processos descontrolados, rupturas e desequilíbrios - Consciência ou ignorância, informar ou calar? - Quem fomenta o desespero?

3.Julho.1987 - Mexer nos assuntos ditos ecológicos é sempre desagradável (no mínimo) e cheira quase sempre mal, seja qual for o nível de abordagem. Só os eco-equívocos, do tipo campismo-escutismo-caravanismo, pintam o quadro de cores róseas, permitindo que, para alguns, ecologia signifique boa vida e férias ao ar livre.

Mas se se entende por ecologia os problemas de "penico", a nível autárquico - esgotos, saneamento básico, lixos, dejectos humanos, resíduos - qualquer pessoa sensível vira a cara, com razão, a cheiros pestilentos e montanhas de fealdade .

Durante muito tempo os ecologistas como o sr. Afonso Cautela foram confundidos com uma espécie de trapeiros que andavam sempre à procura de alimento nos caixotes e contentores municipais do lixo.

Ainda hoje, por parte do público e de algumas elites ambientais, há uma certa tendência para assimilar "ecologismo" com lixos e lixeiras , confusão que não é de todo inocente como logo se compreende.

Se se entende por ecologia as relações globais dos elementos físicos da Terra e como crise ecológica os fenómenos de macro-amplitude verificados na biosfera, então torna-se pânica e todos os salvadores da Pátria, todos os Panglosses, todos os avestruzes a acusam de assustar o Zé Povinho, todos a consideram uma nova psicose apocalíptica e , como tal, desagradável, deseducativa das novas gerações, pessimista, derrotista, imprópria para crianças e jovens, mesmo pornográfica e com cenas eventualmente chocantes.

Ninguém consegue negar que os factos existem: mas muitos defendem que , até onde for possível e até quando for possível, esses factos sejam disfarçados, mascarados, desviados, liofilizados.

OS FACTOS

Desequilíbrios climáticos;
sismos provocados por bombas nucleares subterrâneas que sistematicamente são deflagradas há mais de vinte anos;
a camada de ozono da alta atmosfera destruída por "sprays" e "jactos" sem que se faça alto a nenhuma dessas causas que produzem aquele efeito;
evapo-transpiração dos oceanos cada vez mais difícil devido à camada de petróleo que os recobre, conduzindo assim a uma subida de nível das águas;
metais pesados cancerígenos espalhados por água, ar e solos;
eutrofização ou cancro das águas causado por detergentes não-biodegradáveis que continuam a utilizar-se sem controle;
escalada agroquímica que não consegue debelar as pragas da agricultura mas apenas aumentá-las;

eis apenas uma pequena listagem dos vários casos e exemplos que, ao caracterizar especificamente a crise ecológica, a definem como um beco sem saída, um ciclo vicioso, uma escalada logarítmica, um processo irreversível, enfim, uma explosão apocalíptica de desastres e catástrofes.

O curioso da questão é que há gente ainda a considerar que, mandando calar os jornalistas ou metendo no gravador outra cassete, todo aquele quadro, real, concretamente real, desaparece por encanto.

O curioso da questão é que haja tanta gente mais preocupada em não afligir a gente do que a ter consciência crítica da situação e a enfrentá-la.

O curioso da questão é que se prefira meter, como o avestruz, a cabeça na areia, acusando entretanto de catastrofismo e alarmismo os que tentam, ainda, fazer alguma coisa antes que seja definitiva e irremediavelmente tarde.

MAIS FACTOS

A taxa mundial de suicídios em subida logarítmica;

A toxicod dependência juvenil fomentada por delinquentes senis que demagogicamente fazem apelos contra a droga e a dependência;

Uma medicina que provoca mais doenças do que aquelas que trata;

A total apatia de governantes e outros responsáveis perante o quadro negro de poluições em escalada;

A asfíxia das megalópolis pela poluição atmosférica e o gigantismo urbano que ainda não deixou de crescer em nenhum país do Mundo;

A morte de mares e oceanos por derrames petrolíferos, contentores radioactivos e cargueiros carregados de cargas venenosas, tóxicas e explosivas;

eis mais alguns exemplos de situações reais concretas que se podem pintar em cores mais ou menos negras, conforme o momento político que se atravessa e o efeito de alarme que se queira extrair, mas que não deixam de constituir "ciclos viciosos", "escaladas logarítmicas", "becos sem saída", "cercos que se apertam", "turbinas que crescem de velocidade sem travão que as modere", etc. etc

Os factos são isso, independentemente do aproveitamento oportunista ou ocasional que os políticos e demagogos façam desses factos.

OS QUÍMICOS

Ciclo vicioso aparentemente sem saída é o dos produtos químicos para combater pragas na agricultura, pragas que, por esse tratamento, se tornam cada vez mais frequentes e incontroláveis.

O combate químico às doenças humanas tem o mesmo carácter de ciclo vicioso, de escalada imparável, de progressão logarítmica, tal como provam as doenças iatrogénicas, a última em data das quais se chama imunodeficiência ou deficiência imunitária, fenómeno que sob o rótulo de sida se continua espalhando como praga e peste medieval, e continuará enquanto não for formulado nos seus verdadeiros termos causais, ambientais ou ecológicos.

Doença típica e terminal de todo um sistema, ela continuará progredindo até à extinção da espécie enquanto se teimar na metodologia de estudo e investigação errada.

Uma ciência sofisticada que funciona por lógica invertida e que considera causa o vírus, que é precisamente o efeito e não a causa, tem que conduzir igualmente a ciclos viciosos, inversões radicais, processos descontrolados síndromas apocalípticos.

Mais temível que a imunodeficiência - síndrome ambiental de uma sociedade podre - é que toda a abordagem dita científica do fenómeno esteja invertida, deixando que ele se processe e progrida sem controle.

Apocalíptica, portanto, não é a visão ecológica, mas a visão sintomatológica e tecnocrática que os ecologistas denunciam.

A destruição da camada de ozono da alta atmosfera por "sprays" e "jatos" dos supersónicos, denúncia que foi feita pelos ecologistas há mais de 10 anos, ainda não alterou um milímetro a situação.

O que é que será portanto apocalíptico: reconhecer a situação e agir para a controlar, ou deixar que ela se torne irreversível?

O que é mais apocalíptico: a consciência ou a ignorância e a teimosia?

O CICLO DO CARANGUEJO

É costume descrever também, como "ciclo vicioso" o "ciclo da pobreza" imortalizado na obra do geógrafo Josué de Castro, "O Ciclo do Caranguejo".

Quando as pessoas se alimentam dos seus dejectos, fecha-se o ciclo que, na melhor das hipóteses, se poderá chamar vibrião da cólera ou qualquer outra manifestação patogénica do ciclo hídrico.

Mas ciclo vicioso é também o da fome-pobreza-fome, porque sem alimento um povo não conseguirá ter energia para trabalhar e sair da pobreza e mantendo-se pobre não conseguirá alimentar-se e ter forças para combater a pobreza. Etc.

Note-se, porém, que nas sociedades ricas o ciclo vicioso, o "comer os próprios dejectos" faz igualmente sentido: sem reciclagem de poluentes e sem tecnologias não poluentes, os ricos estão igualmente no "ciclo do caranguejo", condenados a comer, beber, respirar, consumir os próprios dejectos, já que as várias poluições se transmitem ao ambiente - solo, ar, água - de onde o ser humano, mesmo rico, tem que retirar o alimento.

(Este tema, quase por estas palavras, já o glosei há uma boa meia dúzia de anos, e gostaria de localizar agora esses textos.)

SOB O SIGNO DE DARWIN

A nível mais filosófico, o quadro também não aponta para grandes optimismos.

Pois não será o homem, à luz da ciência experimental - a zoologia e mais recentemente a Etologia - uma espécie estruturalmente predadora e não será a destruição do seu próprio meio e de si próprio a evolução natural das coisas, prevista pelas leis da ciência?

Não será então um pouco contraditório, que se gritem raios e coriscos contra a pocilga que mata milhares de peixes numa barragem aprazível, mas logo a seguir invocar a indignação dos senhores pescadores que se viram assim privados de ser eles os predadores dos barbos e robalos mortos com a poluição pecuária?

A tonalidade de ciclo vicioso volta a surgir nas múltiplas contradições flagrantes do sistema que vive de ir matando (os ecossistemas).

Haverá, a médio e longo prazo, alguma coisa a modificar para alterar este fatalismo evolucionista do homem a caminho do holocausto nuclear e portanto das cavernas?

(Lembro o que escrevi a propósito de Hubert Reeves e seu livro "Um pouco mais de azul").

A destruição de peixes em barragens por descargas de indústria pecuária não deixa de ter outro aspecto contraditório, ouvindo os que se queixam do acidente.

Afinal a pecuária corresponde a um modelo carnívoro de vida e desenvolvimento que se tem como intocável e até como o único viril, e é estranho que as pessoas aceitem de boca aberta a parte boa (a comezaina de porco e arredores) mas já repudiem esta mesmo inflação de proteína animal quando ela, sob a forma de resíduos e dejectos, é jogada para uma barragem matando milhares de peixes que os pescadores se preparavam para desportivamente pescar.

Aliás e voltando a Darwin, a teoria evolucionista e todas as ideologias político-económicas que nela se apoiam (todas, menos a ideologia ecologista) leva em si própria a lógica da autodestruição, paradoxo que ainda não vi nenhum dos ideólogos evolucionistas, mesmo preocupados com a paz e a ecologia, resolver.

O facto de o mundo caminhar para as cavernas e o homem para o macaco é incompatível, de facto, com a visão idílica e metafísica de uma teoria que teima cegamente em dizer que o mundo veio das cavernas e o homem do macaco.

+

< sistema-8 > os dossiês do silêncio – o sistema contra os ecossistemas – definição do eco-realismo – inédito ac de 1987

AS CONTRADIÇÕES DO SISTEMA (CONTINUAÇÃO)

- Onde estão os ecologistas para pôr à mostra as tripas do sistema?
- Ciências do Direito às toneladas e direitos humanos mais elementares sistematicamente violados
- Ciência médica às toneladas e cada vez mais doentes, mais doenças, e mais incapacidade para as combater

9/Julho71987 - Caçador de contradições, o adepto do realismo ecologista contenta-se com essa missão de carácter venatório, pouco mais ambicionando como título profissional.

É que, surpreender o sistema nas suas próprias auto-negações, é contribuir para o esclarecimento definitivo do quadro, de molde a que as pessoas saibam a mentira que as governa.

Hoje mesmo, 9 de Julho de 1987, em anúncio da Universidade Católica de Lisboa, fico estarrecido com os progressos já conseguidos pelas ciências do direito.

Um país onde, hora a hora, os direitos mais elementares da pessoa humana levam pontapé de partir,

Um país onde as vítimas olham para o carrasco com o ar de quem agradece à Virgem Nossa Senhora a benção de ser vítima,

Um país onde todos os responsáveis não respondem,

Um país onde a violação de direitos e a violência das autoridades enchem mais de 80% da crónica diária nacional,

Um país onde o sado-masiquismo de explorador-explorado encontra matéria-prima macia como manteiga para meter o dente,

Um país onde a luta do cidadão pelos seus eco-direitos contra a prepotência da Instituição em geral e do Estado em particular, é capítulo paradoxalmente omissivo de movimentos alegadamente ecologistas, verbi gratia os ditos verdes,

Enfim, num país de anedota e delinquência senil galopante do poder instalado, eis que a Universidade Católica propõe uma batelada de ciências do Direito, como se na vida prática o português estivesse abarrotando de direitos consagrados, de leis protectoras do mais fraco, de justiça e de equanimidade!

A caricatura é a mesma, relativamente a outros arranha-céus da ciência contemporânea: já pensaram porque há doentes, aos milhões e cada vez mais, face aos milhares de tratados, volumes, escolas e universidades que ensinam a mais requintada ciência médica?

Realismo ecologista é apenas o vício de estender o dedo a estas e outras abjectas contradições, dizendo "basta" aos sofismas e mentiras que continuam interminantemente adiando a resposta cabal e clara à pergunta elementar: para que servem afinal tantas ciências e tantos progressos, se o panorama é o que se sabe?

Depois de promessas e adiamentos, durante tantos anos, realismo ecologista é aquele pensamento que decidiu dizer basta às abjectas contradições de um sistema homicida, empenhado em lavar os cérebros até às calendas para que a gente todos reconheça a sua excelência embora continuemos a ver só miséria .

+

< sistema-9 > inédito ac de 1987

ESBOÇO DE UM TEXTO MAIS QUE FALHADO !!!!!!!

OS PANGLOSSES

3/7/1987 - Não faltam os Panglosses a anunciar que este mundo é o melhor dos mundos possíveis, pelo menos enquanto os negócios deles e seus patrões continuarem prósperos.

Por mais que a caracterização do sistema esteja feita, em termos definitivos, por mais que os factos desastrosos demonstrando a inviabilidade de uma engrenagem desastrosa se acumulem, por mais provado que esteja o equívoco - o retrocesso humano a que se teima em chamar progresso -, há sempre um Pangloss, bem pago, para cantar as virtudes da indecência e da pouca vergonha.

A esperança maçónica no progresso mesmo que mate e esfole e tal como tem sido praticado, não desarma, mesmo depois de todas as críticas que de quase todos os quadrantes - sem acções nos negócios lucrativos da indústria homicida - começaram finalmente a ser feitas, sem medo.

Porque o medo é componente fundamental do sistema totalitário do progresso industrial e tecnocrático que temos, igual a retrocesso humano e moral.

Há Panglosses de vários tipos mas todos apostados em defender e manter o status techno-industrial, mesmo quando ele mete água por todos os lados como é hoje o caso no fenómeno chamado "crise ecológica das sociedades".

Se alguns desses Panglosses parecem defender pontos de vista num plano de neutralidade científica, mostrando-se tecnocratas seguros do seu dogma, outros logo se percebe (ao saber-se-lhe a proveniência) em favor de quê, de quem e de que interesses

fazem eles a apologia do status tecno-industrial, que conduziu o Planeta e a Humanidade ao beco sem saída actual.

Um senhor inglês chamado Benne, por exemplo, apostado em desfazer, com as habilidades da sua cartola de prestidigitador, as aquisições críticas do padrão alimentar instituído pela industrialização, é apenas o presidente de---

Mal andaria a um homem encarregado, pelas altas funções que ocupa, de promover as tecnologias alimentares mais abjectas - desde aditivos a radiações - , que não inventasse de noite todas as atoardas possíveis contra a qualidade biológica dos alimentos, para as dizer de dia.

De admirar, talvez, é que uma revista espanhola de consumidores - órgão do movimento de consumidores chamado -----? não se limite a noticiar o livro do senhor Benne, saído em Espanha com o título - - - -?, mas faça o seu descarado elogio.

Estes movimentos em defesa do consumidor fazem-me lembrar aqueles militantes republicanos contra o analfabetismo que preconizavam a eliminação física sumária dos analfabetos para erradicar assim a praga do analfabetismo.

Estes movimentos em defesa do consumidor, sempre prontos a dar uma mãozinha aos guardiães do sistema, também precisavam às vezes de uma boa alta autoridade contra a corrupção que os metesse na ordem.

Logo quando foram dados os primeiros alertas da crise ecológica, apareceu na Grã Bretanha um senhor de nome John Maddox, dizendo em livro que isso era tudo obra de pessimistas incultos e que, no fundo, as indústrias como a nuclear têm sempre um lado bom.

Paternal como todos os panglosses, ele propunha que se corrigissem anomalias eventuais do sistema, jamais admitindo que o mal estivesse radical e estruturalmente ligado ao próprio sistema.

Maddox convidava a ter esperança na utopia tecnocrática e proclamava que o Apocalipse é invenção de reaccionários ecologistas. Os males da tecnologia teriam que ser corrigidos pela própria tecnologia .

Em livro da colecção "Diagramas" sobre "Radioactividade", da editorial Estúdios Cor, o sr. seu autor, também comete a proeza de descobrir, nessa data, que a Radioactividade só tem vantagens, relegando para o limbo da superstição as posições críticas contra o actual biocídio praticado em todas as frentes incluindo a radioactiva.

Ao contrário do que é costume na literatura dos Panglosses, este senhor não compara a energia nuclear à faca (que também pode matar, como dizia o outro...) mas ...ao fogo: "Não é porque o fogo pode matar que a Humanidade abdicou de progredir com ajuda do fogo!" proclama ele, com ar vencedor .

Há sempre , também, um senhor governador das Celuloses que vem defender o Eucalipto, insultar os ecologistas porque são contra o Eucalipto, as celuloses e portanto o progresso, proclamar as virtudes históricas do "*globulus*", tal como aconteceu, em----?, no "Diário de Lisboa", onde todo o espaço de uma página foi pouco para a rebrilhante teoria de mais este amigo da Natureza

+

< sistema-10 > os dossiês do silêncio – o sistema contra os ecossistemas – inédito ac de 1987 – tese de 5 estrelas

NUREMBERGA FECHOU PARA OBRAS

INOCÊNCIA E PILATISMO DA TECNO-ESTRUTURA

21/2/1987 - Um dos mecanismos mais curiosos que o sistema da tecno-estrutura põe a funcionar quando se sente picado nos seus fracos e podres, é o discurso das "duas faces da realidade", o "bem e o mal que há em tudo".

O progresso, por exemplo, seria justificado nas suas partes más pelo facto de ter inevitavelmente, e de acordo com a dialéctica, as partes boas...

À primeira vista parece mesmo perito em dialéctica um sistema que é, todo ele, a institucionalização do dogma monolítico.

Se um zoófilo defensor dos pombos que os atiradores matam por desporto no "tiro ao voo", vier alegar razões humanitárias contra o bárbaro hábito, logo um representante dos atiradores aparece no ecrã do Jornal de Sábado (RTP, Canal 1, 12/Setembro/1987) a proclamar as vantagens económicas que os criadores de pombos têm, quantas divisas entram no País com estes torneios internacionais, o bem que fazem ao turismo de Vila Moura, enfim, será preciso coligir mais benefícios para provar que "matar pombos" é, afinal, uma actividade meritória e patriótica?

A que argumentos estamos nós sujeitos, venham eles de atiradores aos pombos ou de atiradores ao alvo, quando o alvo são populações civis, desde que a moral seja a pura moral do cifrão?

A palavra "hipocrisia" para definir um dos mecanismos habituais no discurso "desculposo" das culpas institucionais, foi proferida em 1973, na República Federal da Alemanha, por médicos especializados em problemas de trânsito e também por automóveis-clube.

"Hipocrisia" consideram essas entidades que é o código penal ignorar "até agora a influência do crescente consumo de comprimidos sobre a falta de segurança do trânsito."

A ênfase posta no álcool como responsável por grande percentagem de acidentes rodoviários, terá feito esquecer o papel que nesses acidentes têm, misturados ao álcool, os mais diversos medicamentos.

Uma coisa é certa: a campanha focalizada no álcool não tem dedicado nem um centésimo da atenção e das palavras ao problema dos "cocktails" medicamentosos.

No entanto, só em 1973 as estatísticas falavam: o Automóvel Clube da Alemanha estimava que, em cerca de 15% a 20% das pessoas envolvidas em acidentes de trânsito, se encontravam sob a acção de medicamentos (14/Novembro/1973, in "Diário do Alentejo")

O pilatismo é uma das constantes mais constantes e pitorescas da tecno-estrutura.

As declarações dos chamados responsáveis, perante desastres que envolvem mortos e acidentados graves, reproduzem-se *ipsis verbis* com uma precisão milimétrica, a mostrar que, de facto, o sistema não é uma invenção de franco-atirador e que se rege por regras de funcionamento não só muito precisas mas pendularmente repetitivas, quer dizer, rítmicas, o que lhe dá um poder imparável.

É assim que, em Lisboa, capital europeia, perante desastres que envolvem mortos e feridos, os responsáveis das respectivas empresas debitam um discurso inviolavelmente igual, seja qual for a circunstância de tempo e de lugar, ou o número de mortos e de feridos (graves).

Em 16 de Setembro de 1987, por exemplo, as declarações ao telejornal das Nove, canal dois da R.T.P., do responsável da Electricidade de Portugal (EDP), a propósito das caixas de electricidade que explodem na cidade, evocam de imediato as declarações de responsáveis da Carris de Ferro de Lisboa, quando os chamados "amarelos", autocarros potentes recém-importados, começaram matando gente na cidade a torto e a direito.

"A técnica é infalível", "A técnica não é infalível", "O nosso sistema é da máxima segurança", " O sistema também pode ter uma falha", "No estrangeiro também acontece", "Todas as companhias têm acidentes, veja a CP...", etc

Por acaso , nos dois casos vertentes, o escândalo dos "amarelos" da Carris e o escândalo das caixas de electricidade, não há notícia de que desastres idênticos tenham sucedido algures na Europa, ponto de referência obrigatório de todos os nossos esforços de modernização, incluindo os de modernização da morte.

O que não quer dizer que nas capitais europeias não haja desastres com outras tecno-estruturas, até com mais mortos e feridos graves .

Mas o vício da tecno-estrutura em reproduzir automaticamente o discurso é tal, que mesmo quando literalmente mente e é desmentido pela realidade ou pelos factos, ele se ouve com a mesma insistência.

Vem, depois, a dúvida das indemnizações às vítimas.

"A EDP não tem culpa..."

"A Carris não tem culpa..."

"A CP não tem culpa..."

A "inocência" é assim a constante do sistema que se associa estruturalmente ao "pilatismo", ao "lava daí as suas mãos", ao 'famoso "neutralismo" da técnica, que nunca tem culpa de nada.

E muito menos culpa têm os técnicos, individualmente considerados ou mesmo como classe tributária da tecno-estrutura.

Aliás, quem beneficia do progresso (o cidadão) é justo que pague com uns mortos e acidentados de vez em quando.

Se não há culpas nem culpados, se são todos "inocentes", é natural também que não haja (e de facto não há) tribunais onde se julguem crimes contra a humanidade. Nuremberga fechou para obras.

POLUIDOR ATRAI POLUIDOR

O efeito "em cascata" das poluições aparece como regra constante no funcionamento do sistema.

No princípio era a pureza do ar e das águas: logo que o primeiro poluidor se instala e cria o primeiro "antecedente", podem vir todos os outros, inspirados no grande princípio, "poluído por um, poluído por mil".

Se há um maior, os mais pequenos dirão que eles são mais perigosos do que ele.

Poluidor atrai poluidor, porcaria atrai porcaria, lixo atrai lixo, excrementos atraem moscas.

A "arrogância" é a forma mais comum assumida pelos porta-vozes do sistema - a classe tecnocrática - para revelar uma sua típica característica: a incapacidade de aprender com a experiência (embora se diga experimental), a incapacidade de aprender com erros e fracassos, a incapacidade de evoluir, portanto.

Em todos os livros que falam de vitaminas, a ciência da nutrição não esquece citar o grande feito que foi a descoberta do escorbuto e suas causas de carências vitamínicas.

O patético da actual ciência médica é que, perante mil e outros casos idênticos ao do escorbuto, de carências vitamínicas, minerais ou proteicas, recusa ver a relação de causa e efeito entre as carências alimentares e as doenças mais diversas.

Esta incapacidade de a ciência aprender com a história da ciência, é uma das mais típicas características e uma constante do sistema ideológico que nos rege.

A arrogância ou "persistência no erro" tem um exemplo flagrante na conduta do sistema estabelecido no campo agrícola (o "*agrobusiness*") relativamente a um equívoco que se revelou suicida: querer aumentar a produtividade (a pretexto de matar a fome) através de meios tecnológicos que irremediavelmente comprometem o futuro do capital de fertilidade dos "solos aráveis".

No livro "Nous Avons Brulé la Terre", editado em 1954, Michel Remy levantava algumas questões que no tempo eram ainda tabu e que ainda hoje, embora largamente ventiladas por grupos de análise ecologista, se encontram relativamente longe da opinião pública.

O erro levado a cabo por uma ideologia da produtividade agrícola que deliberadamente ignora completamente a qualidade biológica e os limites ecológicos da vida vegetal, ideologia largamente subsidiada por organismos como a F.A.O., é colocado com toda a clareza por Michel Remy, que demonstra no seu livro o absurdo de querer aumentar a produtividade com meios tecnológicos que comprometem o capital de fertilidade dos solos, que é a base indispensável, sine qua non, dessa mesma produtividade.

Este cortar de um dos galhos onde a humanidade se apoia, talvez um dos sete cavaleiros do Apocalipse, não tem, como realidade de fundo que tudo condiciona, merecido do discurso dito ecologista a atenção que merece.

A pilhagem de recursos e a delapidação irreversível do património natural não se faz apenas a granel, de maneira selvagem, atacando a torto e a direito, de maneira anárquica: o que queremos sublinhar, neste apontamento, é o carácter programado, sistemático, regular e de acordo com normas pré-estabelecidas a que essa pilhagem obedece.

Abonada pela ciência do sistema, essa lei da pilhagem tem, no equívoco F.A.O. da produtividade um dos mais monstruosos exemplos, que custarão talvez à humanidade a sua própria capacidade de sobrevivência.

OS BODES EXPIATÓRIOS

Com a trovada feita pela actualidade noticiosa, a opinião pública treme de medo, susto e pânico, ao saber que a crescente incidência do cancro no estômago no Japão é devido ao consumo de arroz, que o sal é culpado de doenças cardiovasculares (primeira causa de morte em muitos países) e que a soja, no porto de Barcelona, ao ser descarregada, provoca (a maldita) uma onda de doenças asmáticas, com internamentos hospitalares e mesmo mortes.

Aí está como de uma assentada se põe no banco dos réus, como assassinos da vida e da tranquilidade pública, o arroz, o sal, a soja.

Arroz, sal e soja, que, mercê das múltiplas e miraculosas manipulações industriais, de soja, de sal e de arroz, respectivamente, já não têm nada.

O sistema é particularmente hábil (useiro e vezeiro) em criar estes bodes expiatórios, que culpam um sal, um arroz e uma soja que, por culpa da indústria alimentar, há muito deixaram de ser sal, arroz e soja para serem uma chafurdice químico-tóxica.

De acordo com o mecanismo de "retorno" ou feedback a que obedece sem excepções, o sistema não hesita em anunciar um fracasso ou um crime, desde que já tenha na grelha de partida outro crime ou fracasso comercializável.

ANTIBIÓTICOS

A revista New Scientist admitiu, em Fevereiro de 1987, "que o aparecimento de micróbios resistentes aos produtos químicos habitualmente utilizados começa a causar grandes preocupações ao nível da comunidade científica".

Constituindo este fenómeno da crescente resistência microbiana à crescente potência dos produtos químicos exterminadores, um verdadeiro "cavaleiro do Apocalipse", é um dos que têm sido mais habilmente disfarçados pelos mass media, que para isso existem.

Como "lepra" que é do nosso tempo, o segredo impera e a conspiração do silêncio tem funcionado em pleno e a contento.

Silêncio, segredo, censura, ocultamento, sim, até ao momento em que determinados laboratórios anunciam que "estão a produzir substâncias relativamente às quais os micro-organismos não possam desenvolver resistência."

As substâncias mais prometedoras - diz o jornal - são as quinolonas. (In "Diário Popular", 21/Fevereiro/1987).

Perante fenómenos de envergadura apocalíptica como este capítulo da guerra biológica "resistência dos micróbios aos químicos que pretendem destruí-los", o sistema põe a funcionar vários dos seus mecanismos de defesa:

- finge que não vê
- enquanto finge que não vê, dá o salto para uma nova tecnologia mais complicada que venha destronar a anterior
- silencia o fenómeno até que pode, o que não lhe é difícil pois para outra coisa não existem os *mass media*"
- mete a cabeça na areia como o avestruz.

Moralidade de mais uma história imoral do Apocalipse: a humanidade que se avenha com mais este extraordinário progresso de uma ciência contra a qual, de facto, não há "quinolona" que valha.

+

< sistema-11 > os dossiês do silêncio – o sistema contra os ecossistemas – inédito ac de 1987 – tese 5 estrelas

CONSTANTES DO MACRO-SISTEMA NÃO-DEGRADABILIDADE

1987 - A "não-degradabilidade" das substâncias inventadas pela tecnologia poluente (conscientemente poluente e não por acaso, por acidente, diga-se) é uma das realidades mais alarmantes que compõem o quadro apocalíptico da actual crise planetária engendrada pela classe tecnocrática.

A retórica ambientalista, no entanto, raramente faz a distinção fundamental entre os poluentes indegradáveis, os verdadeiros poluentes, afinal, e todos os outros detritos que, a curto ou longo prazo, reentram na biosfera.

O fabrico de substâncias que ficam "a mais" no ambiente é um dos verdadeiros crimes que põem a actual tecnologia em Tribunal dos Direitos Humanos: não que essa tecnologia tivesse feito, por engano, o que não devia, mas por ter feito na perfeição o que está estruturalmente na sua natureza fazer.

Exemplificando com o DDT, o agrónomo brasileiro G.A. Lutzenberger descreve, de maneira exemplar, essa súbita intromissão do Hiperpoluente ou Poluente propriamente dito, que todos os ambientalistas deviam distinguir do poluente menor ou biodegradável.

Uma dicotomia que supera a poluição e a não poluição é, assim, a de biodegradabilidade e a degradabilidade, pois é aí que está o grande e maior busílis.

Diz Lutzenberger: “O veneno mais conhecido do público, todos os dias mencionado em todos os jornais do mundo, o DDT, é um hidrocarboneto clorado, uma substância sintética que não tem semelhante entre as milhões e milhões de substâncias até hoje inventadas pela Natureza. A Natureza - infelizmente o homem moderno insiste em querer ignorá-lo - sempre foi e continua sendo muito sábia. Para cada uma da infinidade de substâncias que inventou, ela sempre inventou, também, concomitantemente, a enzima capaz de decompô-la. Todas as substâncias que o mundo vivo até hoje produziu são biodegradáveis, a própria vida sabe como destruí-las e sempre as retira de circulação, logo que cumpriram sua função. O homem tecnológico, no entanto, com toda a sua habilidade e racionalidade, não gosta de olhar muito além da ponta do seu nariz, inventa centenas de milhares de substâncias, muitas delas potentíssimas, as emprega despreocupadamente mas, uma vez cumprida a missão imediata a que se destinavam, se desinteressa por elas e as abandona simplesmente no ambiente. Mas a Natureza não está preparada para estas loucuras, muitas vezes não consegue inactivar o que lhe entregamos inadvertidamente. Estas substâncias escapam ao controle humano e continuam agindo na Natureza, nada mais consegue detê-las.”

SECTORIZAÇÃO

O discurso vigente prefere transladar o centro da questão para aspectos marginais. É a sectorização, truque muito conhecido usado pelos serventuários do sistema.

Truque muito utilizado pelo sistema de comercialização das tecnologias poluentes e biocidas é, com efeito, o de recomendar o seu "bom uso", pretendendo o discurso que a tecnologia não é má em si (nunca é) mas o que há, ou pode haver, é um "bom" e um "mau" uso dela.

Useiro e vezeiro neste "neutralismo" ou pilatismo, o discurso agroquímico prega aos agricultores os cuidados que devem ter com o uso de pesticidas, uns fulminantes, outros persistentes.

Venenos como o Aldrin, o Dieldrin, o Clordano e o DDT, por exemplo, são eficientes porque são persistentes, porque permanecem muito tempo no ambiente sem decompor-se.

Outros venenos, menos persistentes, como Paratião, Ketasistox, Dímetoate, etc., são eficientes porque são fulminantes.

É ainda uma constante do sistema colocar o consumidor perante o facto consumado, deixando-lhe a escolha entre o sal e a salmoura, a peste e a cólera, o mau e o péssimo.

DOSES MÁXIMAS ADMISSÍVEIS

As "doses máximas admissíveis" ou "limites máximos admissíveis" é uma verdadeira instituição do discurso tecnocrático, cegamente entregue à autoridade científica de organismos que se convencionou considerar respeitáveis.

Em matéria de consumos alimentares e respectivos aditivos químicos, são instância suprema inapelável a "Comissão do Codex Alimentarius", a OMS., a F.A.O. e mesmo a C.E.E. com suas directrizes ou directivas.

Ocultar o "mal maior" com o "mal menor" é assim truque muito utilizado pelo sistema quando se trata de encontrar desculpa para alguns pecados ou crimes capitais contra a Humanidade, crimes à partida impunes porque praticados em nome da sacrossanta ciência, da infalível tecnologia

A perda da qualidade biológica dos alimentos, condição sine qua non da função fisiológica e metabólica que esses alimentos têm a desempenhar na saúde da

humanidade, será um desses pecados mortais, mal percebido ainda em toda a sua transcendência.

Organismo do Estado que se proponha disciplinar o mercado dos consumos alimentares, inverterá então as prioridades e colocará a tônica nos pequenos delitos ou nos pequenos mixordeiros, esquecendo os grandes delitos e delinquentes, as multinacionais que controlam as indústrias alimentares e a intrínseca destruição da qualidade biológica dos alimentos praticada por essas indústrias.

Enquanto se dá atenção a pequenas infracções e delitos como, por exemplo, leite mal pasteurizado ou contaminado por micro-organismos, arroz com mais trincas do que a percentagem legal, conservas avariadas, carne podre de talho, água no vinho, manipulações de azeite, vinho a martelo, matança clandestina, peixe podre, prego no papo-seco ou parafuso no iogurte, etc. distrai-se as atenções da tal qualidade biológica que os alimentos, à partida, deixaram de ter com o incremento da agricultura química e da química na alimentação.

Um "tang" anunciado na televisão e que é só produtos químicos, fica apenas como o símbolo de uma prática que fundamentalmente caracteriza o sistema das indústrias alimentares, desejosas de substituir pelo químico o orgânico ou biológico que ainda resta.

SÍNDROMA SÍSMICO NUCLEAR

A "cumplicidade" da ciência relativamente às patifarias cometidas por uma tecnologia paranoica, que força até ao paroxismo todos os limites da resistência humana e do Planeta Terra, é uma constante da ideologia vigente, largamente comprovada com exemplos como o do "síndrome sísmico nuclear" .

Negando-se reconhecer até hoje que haja relação de causa-efeito entre os milhares de rebentamentos atómicos subterrâneos (URSS, EUA, França, Grã Bretanha, China, África do Sul) e o recrudescimento da actividade sísmica, que atinge ondas de perfeita loucura pânica, a ciência entra em especulação de novas teorias como alibi para esse recrudescimento provocado por causas bem óbvias.

A tectónica de placas e a actividade solar são duas teorias que se enquadram nesse propósito sofisticado de cumplicidade com o terror sísmico-nuclear estabelecido. Quanto maior número de superpotências se encontra comprometido em determinado terrorismo de Estado, maior silêncio recai sobre esse terrorismo.

Tremores de terra, tufões, tempestades, trovoadas, crescente actividade vulcânica, quadro climático perturbado, é o sintoma ou conjunto de sintomas que os cientistas atribuem às erupções solares periódicas - dizem eles - que libertam tanta energia como a explosão de milhares de bombas de hidrogénio.

Concluem cientistas soviéticos, tão iminentes como os ocidentais, que as variações cíclicas da actividade solar influem sobre tudo o que é vivo: nos anos de actividade máxima, as árvores crescem mais depressa e o rendimento das searas é maior...

Mas quando os ecologistas falam de óbvias relações bio-climáticas, são apelidados de fantasistas.

FATALISMO

O "fatalismo" ou indispensabilidade é um dos princípios fundamentais que regem o funcionamento do macro-sistema (ou terror) tecno-industrial.

Uma vez montada uma rede de equipamentos para hemodiálise, a tendência da tecno-estrutura é para aumentar os hemodialisados que dessa rede necessitem e que vão portanto e para todo o sempre alimentar a sua manutenção.

Uma vez instalada a rede, é impensável que deixe de haver hemodialisados.

Uma vez montado um sistema de vigilância e defesa computadorizado, como o que tem os EUA, a tendência é para mostrar que esse sistema envelheceu, que qualquer falha do sistema pode originar uma guerra nuclear e que é urgente substituí-lo por outro inteiramente novo.

(Em outra altura se falará do papel que o mito do novo desempenha no girar ininterrupto do sistema, promovendo modas e condenando ao lixo a moda imediatamente anterior).

Uma vez instalada a indústria dos computadores, a tendência é para inventar cada vez mais aplicações e pseudo-utilidades, logo necessidade, desses computadores.

Uma vez montada a indústria nuclear dita pacífica, a tendência é para criar novas necessidades justificativas dessa energia, nem que seja a conservação de alimentos por radiações, análises clínicas por raios X, etc.,

Se vierem a verificar-se desastrosos efeitos provocados pelas tecnologias que eram só vantagens ao instalar-se, a sua indispensabilidade é um facto, bem como a sua inevitabilidade, irreversibilidade ou fatalidade.

VIGIAR OS ASTEROIDES

Curioso exemplo desse "fatalismo", dessa criação irreversível de novas necessidades, é dado por um programa que a NASA se propunha realizar, em 1981, de vigilância do espaço para proteger a terra contra a colisão de um asteroide.

Em pleno espaço do aleatório, é fácil convencer a opinião pública do perigo que oferecem cerca de 800 asteroides prontos a colidir com a Terra.

A catástrofe absoluta seria então possível, tal como (diz-se) foi a de há 65 milhões de anos, quando desapareceram os dinossauros (tese de Luiz Alvarez, Prémio Nobel da Física).

Os dinossauros que não morreram com o choque, acabaram por morrer à fome, já que a terra esteve privada séculos da luz solar, devido à nuvem de poeira levantada pela colisão do gigantesco asteroide."

Primeiro 500 mil e depois 50 milhões de dólares seria a quantia pedida pela NASA com o objectivo de vigiar os asteroides prontos a colidir com a terra...

Repare-se como a NASA joga bem com o aleatório em duas dimensões: o aleatório da dimensão futuro e o aleatório da dimensão passado (o recuo até aos dinossauros...).

TOLA INOCÊNCIA"

A "tola inocência" é típica característica da classe tecnocrática e seu discurso em favor dos poderes biocidas estabelecidos.

A prioridade do tecnocrata não é a Saúde Pública, da qual, aliás, amplamente desdenha, se tiver oportunidade disso. Tão pouco a saúde individual dos filhos e a saúde própria, o tecnocrata presa, confiado de que há sempre uma técnica médica que resolve todos os problemas.

A infinita confiança na técnica leva-o a subestimar a saúde - mostrando-se, portanto, falsamente "inocente" ou "ignorante", quando dados laboratoriais relacionam as mais variadas doenças, desde cancro a arterioesclerose, com a proliferação de consumos químico-alimentares, com a poluição química na agricultura, na atmosfera respirável e

nas águas de consumo, desde metais pesados - mercúrio e cádmio, por exemplo - a gases de óxido de enxofre, carvão, anidrido sulfúrico, anidrido carbónico, protóxido de azoto.

É sabido que um médico, por exemplo, jamais reconhece determinados sintomas sobrevivendo ao doente, mesmo que esses sintomas venham indicados como "efeito secundário" que os medicamentos receitados podem suscitar.

Quando a ciência assim se encontra submetida a prioridades que não são as pessoas, os indivíduos, a saúde e a segurança das populações, a classe científica tem sempre um mecanismo a funcionar que inibe o reconhecimento dos verdadeiros culpados e inventa bodes expiatórios.

A ciência, tal como está e tal como se usa, tem que funcionar de acordo com esta e outras leis de funcionamento do sistema; mas já o mesmo não se poderá dizer dos cientistas, que em princípio têm cabeça própria e deveriam poder decidir por si, sem cega obediência às regras do sistema.

ABJECCÃO

Abjecção é uma daquelas palavras que as gralhas têm um prazer sistemático em substituir por objecção.

Como o acaso nunca é por acaso, penso haver algumas constantes e correspondências mágicas nesta aparente coincidência.

Abjecção sugere mesmo objecção e exerce uma energia repulsiva no meio ambiente.

O subconsciente individual e colectivo evita aquilo que mais sintoniza o seu próprio comprimento de onda.

Semelhantes repelem-se, contrários atraem-se (isto em teoria).

Há, depois, uma passagem automática à fase seguinte - em sequência lógica à abjecção - que obviamente é objecção.

Mas se a objecção se tornou aceite pelo subconsciente colectivo, até emergir em movimentos de opinião como o Maio 68, se a palavra objecção se sacralizou no caso dos "objectores de consciência", a sua aparentada abjecção permanece repulsiva, solitária e com tendência irreprimível a perder o "a" em favor do "o".

INTERDEPENDÊNCIA

O mecanismo "carambola", "interdependência" ou "pescadinha-de-rabo-na-boca" - verificado em todos os fenómenos de amplitude planetária - tem ilustração significativa no processo que é normalmente designado por "efeito de estufa".

1º - O aumento de anidrido carbónico na atmosfera, provocado por aumento da actividade industrial, deveria contar, em princípio, com um factor correctivo que é o coberto florestal do Planeta;

2º - Devido à desflorestação ou desmatamento que, a par da actividade fabril, o sistema também promove, o referido factor correctivo diminui, contribuindo para um suplementar aumento do nível de anidrido carbónico;

3º - Este aumento de anidrido carbónico, por um lado provocado e por outro lado não corrigido, faz subir a temperatura média que, por sua vez, poderá derreter os glaciares das calotes polares;

4º - A transformação dos grandes volumes de gelo em água, por sua vez, vai originar oscilações substanciais no eixo da terra e também desaceleração da rotação; o que pode ser outro factor de acumulação do já referido anidrido carbónico;

5º - E assim sucessivamente, num quadro que é de "carambola" ou de efeitos sinérgicos

BIOCÍDIO DE ESPÉCIES

O biocídio de espécies e a pilhagem de recursos vivos naturais é uma constante da actual crise planetária, não apenas porque a cobiça e o barbarismo fazem parte da natureza humana, desde sempre e para sempre, mas porque a esses predicados se acrescentaram a cobiça e o barbarismo da engrenagem industrial, especialista de produção em massa.

Massacre de focas no Norte do Canadá, massacre de golfinhos no Japão, massacre de baleias em todos os oceanos, são assim alguns dos símbolos emblemáticos da crise planetária, resultado da mentalidade bárbara que tem subsistido no homem de todos os tempos, mas que o sistema industrial permitiu levar até aos requintes do crime universal.

Fenómeno dominante da crise planetária são as "estranhas migrações" de insectos, principalmente abelhas e gafanhotos, que vagueiam por continentes inteiros, sem se saber ao certo de onde vieram ou para onde vão.

Mas sabe-se que existem e deles se fala, de vez em quando, que mais não seja para proclamar que os espera um poderoso insecticida de qualquer poderosa firma agroquímica.

Isto, diz-se, embora já todos saibam que as referidas vagas de insectos são exactamente resultado de desequilíbrios ecológicos verificados por usos maciços de insecticidas e pesticidas, e que estas novas vagas, não só pela quantidade atingida como pela habituação ao veneno, criaram gerações ou estirpes mais poderosas, além de, como se disse, mais numerosas.

SEGREDO DE ESTADO

O argumento "segredo de Estado" - constante do sistema - alarga até ao infinito as hipóteses de termos infiltrado pelo sistema, seus truques e traques e subtilezas, o quotidiano de todos os países, especialmente dos mais ingénuos e pobres.

O supositório que hoje se pode enfiar com mais facilidade no Terceiro Mundo é o da ajuda ao desenvolvimento, a luta contra a fome, etc.

Basta que se invoque o argumento "segredo de Estado" para justificar a instalação, dentro do máximo segredo, de áreas onde se desenvolvem, por exemplo, pesquisas de armas bacteriológicas ou químicas, experiências genéticas, manipulações climáticas, etc..

O supositório dos eucaliptos entrou em Portugal com toda a vaselina disponível do "desenvolvimento", do "crescimento", da "modernização etc.

Não é, por outro lado, improvável que surtos endémicos até hoje inexplicáveis ou mal explicados, tenham sido eventualmente provocados por instalações desse tipo que as populações ignoram. O que é "*top secret*" mantém-se, por definição, secreto.

A investigação do efeito das micro-ondas no comportamento humano pode ser já hoje matéria de experiências secretas que, em nome da defesa do segredo de Estado, se fomentam.

Durante os quarenta anos de ditadura em Portugal, foi em nome da "segurança de Estado" que se cometeram algumas atrocidades.

Se se trata de experimentar forças naturais e a forma de as manipular, é ainda o "segredo de Estado" que justifica manter o maior silêncio público sobre essas experiências, em que as cobaias, por isso mesmo, não sabem que o são.

A-RETARDADOR

O mecanismo "a-retardador" , constante típica do discurso científico que serve o sistema, assinala-se em diversas circunstâncias, nomeadamente no mito que dá pelo nome de sida.

É de regra: o reconhecimento público de um determinado fenómeno endémico, só se faz. um tanto contrariadamente, já tarde e a más horas, só depois de o sistema ter inventado (arquitectado) uma rede de argumentos que permitam arranjar um culpado e ilibá-lo de mais um crime.

Aconteceu assim com quase todos os surtos pânicos do actual apocalipse, desde o ozono da alta atmosfera destruído por jactos, atomizadores e etc., o desequilíbrio hídrico , o desequilíbrio térmico, o síndrome sísmico-nuclear, ou as grandes pandemias da sociedade industrial, que são o Cancro em geral e o Cancro Ocupacional em particular.

O sistema só reconhece o surto quando já conseguiu arranjar, engendrar para ele uma explicação falsificada e uma tecnologia aparentemente substitutiva (uma prótese ou o produto que se diz irá curar o surto).

No caso da sida e à falta de vacina, vendem-se preservativos. Mas o discurso de propaganda médica não desarma, todos os dias manda para os jornais notícia de que "novo medicamento está na forja".

O mecanismo a-retardador, uma das constantes que regem o funcionamento do sistema, tem uma variante que é a da polémica ou aparente controvérsia que serve também como efeito de adiamento e distração.

Ou seja: um ano faz-se o congresso em que cientistas iminentes (para os jornais os cientistas são sempre iminentes) reconhecem, por exemplo, a subida da temperatura na atmosfera e alarma-se a opinião pública com a hipótese de os gelos do Ártico derreterem, submergindo as regiões costeiras de todos os continentes.

No ano seguinte, além de se proclamar que a imprensa andou a propalar boatos alarmistas sobre temperatura, gelos derretidos e dilúvios nas cidades costeiras, faz-se outro congresso a provar que a temperatura está de boa saúde, equilibrada, não vão derreter gelos nenhuns nem o dilúvio está para já.

O que nunca falta é a condenação solene do alarmismo produzido por ecologistas que querem por força prever catástrofes climáticas num mundo que vai andando no melhor dos mundos.

Transcrevo a típica notícia do segundo modelo, quer dizer, da facção contra-Apocalipses:

“Holocaustos & Hecatombes – Cientistas reunidos recentemente em Genebra, para a Conferência Mundial sobre o Clima, negaram as versões alarmistas, segundo as quais haveria o risco de uma nova era glacial no hemisfério Norte ou a ameaça do gelo do Ártico se derreter e inundar várias cidades.

Nenhuma catástrofe natural ameaçará o mundo nos próximos dez mil anos, segundo conclusão a que chegaram mais de 400 especialistas presentes à reunião. “

Jornal «Expresso», 28/4/1979

Este esquema tem uma certa variante, que é quando a ciência decide recorrer à tréplica e vir um terceiro congresso alargar, com novos delírios, os alarmismos já exibidos da primeira e da segunda vez.

No caso do clima aquecer ou arrefecer e conseqüente degelo-dilúvio, houve um soviético, em Março de 1979, que disse:

+

*< sistema-12 > o sistema contra os ecossistemas – inédito ac de 1987 – tese 5 estrelas
– os dossiês do silêncio – eco-ecos*

FRACASSO DA FUTUROLOGIA PÕE EM CHEQUE A CIÊNCIA

3. Setembro. 1987 - Felizmente para os futurólogos da Geofísica, que se encarregam de prever catástrofes sísmicas na falha de Santo André (Califórnia) ou no Peru, existem os médiuns e astrólogos que, carregando pela boca, profetizam logo os acontecimentos da década, não se contentando com os do ano.

Guerras nucleares a granel, terremotos que arrasarão países inteiros, pragas de ratazanas a devorar milhares de seres humanos, extra-terrestres submetendo à escravidão o nosso Planeta que temos tão bem tratado - foram tudo profecias de astrólogos norte-americanos no início da década de 80.

Mas se estas profecias abusam um bocado da inteligência pública média, mesmo norte-americana, aparecendo demasiado carecas na sua ingénuia estupidez, esse facto não deixa de ser largamente aproveitado pelos cientistas encartados e a sério, que se permitem, ao abrigo da autoridade que o seu estatuto de intocáveis lhes confere, afirmar o que vai e não vai acontecer, nomeadamente em matéria de sismos.

O ALINHAMENTO DOS PLANETAS

O falado alinhamento de planetas que, durante meses, em 1977, esteve nas primeiras páginas dos jornais e até nas revistas científicas de alto gabarito como "Science et Vie", foi matéria de especulações não só dos astrólogos, (pre)videntes e magos de todos os feitios e religiões mas de reputados geofísicos, da NASA ou não.

John Gribbin, físico da NASA e o Prof. Plageman, architectaram uma brilhante teoria, baseada em "inúmeros estudos e cálculos", que assegurava, por força, ir acontecer um catastrófico sismo na falha de Santo André.

Dez anos passados, quis Deus que o sismo ainda não tivesse feito a vontade aos cientistas iminentes, mau grado a insistência nele, quer de cientistas encartados quer de magos visionários, criando uns e outros verdadeiras ondas de psicose pânica.

Também em 1981 (Julho) não foi um bruxo que aterrou as populações do Peru, mas o geofísico Brian Brady, prevendo com todos os pormenores uma rajada de sismos neste país, rigorosamente a partir de 28 de Junho desse ano de 1981.

Até jogos de futebol chegaram a ser adiados por causa do sismo.

Teve o "imminente" geofísico americano Brian Brady, autor da teoria e dos engenhosos cálculos, a "lata" de vir confessar que se enganara: " Não penso que a minha teoria esteja errada, mas tenho a impressão que alguma coisa estava errada nos

meus cálculos."

A comunidade científica córou de vergonha com este fiasco mas calou-se e fingiu não notar. Era melhor esquecer, rapidamente, o incidente.

Quer os que previram sismos em Santo André, quer o que previu sismos no Peru, eram até à data nomes reputados da classe científica. Será que a nódoa desaparece, só porque se esquece o evento?

E será que só a classe dos astrólogos, videntes, bruxos e cartomantes é digna de pena?

Um facto fica, quer a comunidade científica o reconheça ou não e se faça ou não de novas: é cada vez menor o crédito a dar à futurologia (dita) científica e, por extensão, às teorias científicas que geralmente são arquitectadas para tentar, primeiro, explicar o passado e depois prever o futuro.

Aliás, sem prognose, a ciência fica bastante incompleta. Só que a futurologia até agora conseguida, pelo menos no plano da Geofísica, é pouco menos do que deplorável.

Isto para não falar do previsionismo no campo da Meteorologia, onde além dos dois ou três dias já ninguém garante nada a ninguém.

CONTRA OS OBSCURANTISTAS, MARCHAR, MARCHAR

A lei jugoslava mostrou-se de grande severidade ao condenar a dois anos de prisão um "fanático religioso", de nome Bozidar Vujic, só porque este, aproveitando o estado de ânimo colectivo criado por um sismo, espalhou histórias acerca do "Dia do Juízo Final".

O "Dia do Juízo Final" é, como se sabe, uma invenção fantasista de cérebros ensandecidos e de místicos reaccionários sem remissão: tradição obscurantista esta que os ecologistas modernos tentam reanimar, merecendo por isso também umas fogueiritas à jugoslava.

Não consta, aliás, que a lei desse ou de outro país iluminado, tenha severidade idêntica para as muitas histórias da Carochinha em que sismólogos, vulcanólogos, geólogos e outros cientólogos se comprazem, prevendo catástrofes que não se concretizam.

No caso dos sismos previstos para a Califórnia e para o Peru, é de notar a perplexidade dos cientólogos perante o fracasso e o fiasco das próprias previsões: a terem fundamento essas previsões, é muito possível que os cientólogos tivessem sido defraudados pela sua própria miopia.

Não querendo eles ver ou reconhecer que as experiências subterrâneas com bombas termo-nucleares introduziram, nos últimos vinte e cinco anos, perturbação suficiente na crosta terrestre para todas as previsões darem errado, por mais seguras que teoricamente elas fossem, pagaram os ditos cientólogos com um fracasso essa miopia e essa fingida ou intencional ignorância.

Qualquer das explicações, porém, não invalida o fracasso: a verdade é que os previsionistas não acertaram, como nunca acertam, ou porque se baseiam em dados e teorias errados, ou porque, sendo esses dados - admitamos - certos e as teorias verdadeiras, tudo isso foi violentamente alterado ao introduzir-se na crosta terrestre o "dado novo" dos rebentamentos atómicos subterrâneos.

+

<sisistema-13> o sistema contra os ecossistemas – inédito ac de 1987 – tese de 5 estrelas -

MAIS PANGLOSSES E SOFISMAS

30/8/1987 - Quando a actualidade noticiosa, nomeadamente a informação televisiva, retoma técnicas de manipulação ideológica que se julgavam mortas e que foram, várias vezes, crismadas de "alarmistas", o observador imparcial fica apreensivo: quando há 10, 15 ou 20 anos, certos fenómenos de amplitude planetária começaram a ser denunciados por franco-atiradores mais angustiados com o próximo futuro da Terra e das espécies, incluindo a espécie humana, um clamor se levantou para os calar, considerando-os perigosos e desnecessariamente apocalípticos. Eles inseriam-se mesmo, segundo portavozes da Panglosseria, na onda de obscurantismo que persegue a humanidade em luta desesperada para sair das trevas e da caverna.

Recuperado pelo sistema o "ecológico", como especialidade científica sectorial, como uma das ciências biológicas, recuperados os movimentos independentes, anti-nucleares e alternativos por partidos ao serviço das grandes potências nucleares, esperava-se que os temas incómodos do tal Apocalipse desaparecessem. do mapa para deixar todo o palco aos Panglosses e usufruidores do Festim.

Assim não foi, assim não tem sido. Os temas de há 10, 15 ou 20 anos são retomados pelo sistema estabelecido, que já não os considera obscurantistas nem apocalípticos nem alarmistas.

De tal modo que até o Tele-jornal de domingo (30 de Agosto de 1987) sai com uma apocalíptica notícia sobre a destruição do Ozono na alta camada da atmosfera.

Investigadores norte-americanos estariam já na Antártida para averiguarem se a percentagem de ozono destruído se mantém nos 2/3 ou se já vai a caminho do total.

A imparcialidade tranquila - o neutralismo olímpico - com que estas notícias são transmitidas, anda de par com o optimismo da personalidade convidada a depor naquele tele-jornal de domingo: Eurico da Fonseca, que chamou então as atenções para os gases utilizados em instalações frigoríficas e também para os atomizadores ou aerossóis ou sprays; mas dos aviões a jacto, nada.

Eurico da Fonseca deve concordar com a tese da Organização Meteorológica Mundial (OMM) que, em Novembro (dia 25) de 1978, proclamava publicamente, urbi et orbi em Genebra, que "os aerossóis são mais perigosos para a camada de ozono da estratosfera do que os aviões super-sónicos".

Tudo é relativo, como diria La Palice, primo irmão do Dr. Pangloss, mestre espiritual de quase todos estes cronistas do Planeta Terra, para os quais o futuro, mesmo com dois terços do ozono a menos, continua risonho e franco.

SUBPRODUTO DO SISTEMA

Sub-produto do sistema que se desagrega sob a acção da crise planetária, os panglosses têm uma função precisa nos últimos anos que nos restam, assim explicitada:

1 - Obviar a que o alerta ecológico possa soar, com todo o realismo e com toda a sua clareza, urgência e nitidez, sem alarmismos de ocultistas e astrólogos e sem alarmismos de tecnopalmers;

2 - Vender mais alguns gadgets anti-poluição, talvez alguns abrigos anti-atómicos, alguns preservativos anti-sida, alguns cintos de segurança para os pópós, alguns comprimidos psico-tranquilizantes, etc, etc, a lista do mercado protésico é praticamente infinita;

3 - Confundir e baralhar as mentes das pessoas, para que estas não possam lançar mão de todas as eco-tecnologias alternativas que podiam salvá-las e ao Planeta, eco-tecnologias que estão já acessíveis;

4 - Consolar os angustiados com o colapso do Planeta, pintando cenários cor-de-rosa para o futuro, a cargo das novas tecnologias que irão emendar (está-se mesmo a ver) os erros, abusos e crimes das antigas;

O "teco-panglosse" ou optimista nato, pago para exhibir optimismo, funcionário zeloso do sistema que vive de ir matando os ecossistemas, está sempre ao serviço, operacional e activo, para que nada transpire da crise profunda em que a Terra se afunda.

Crise ultrapassável pelas eco-tecnologias da Esperança mas nunca, jamais, pelas tecnologias do chafurdo e do terror e que ao chafurdo e ao terror nos levaram.

O fenómeno de cepticismo voluntário ou cego optimismo pode ser ilustrado com o caso do desequilíbrio térmico provocado pelo aumento de anidrido carbónico na atmosfera, que resulta, por sua vez, da desflorestação intensiva em áreas crescentes do Planeta, somada à queima de combustíveis fósseis por fábricas, caldeiras e fornos.

Uma simples variação de quatro graus - dizem eles - na temperatura média da atmosfera pode ser considerado insignificante pelos que não querem ver a realidade.

Essa variação não é, digamos, interna ao ecossistema atmosfera, correspondendo, por exemplo, às variações de temperatura entre estações ou entre latitudes diferentes, mas é uma alteração extrínseca e global de todo o ecossistema, que normalmente e enquanto mantém o equilíbrio se regula por uma determinada temperatura média.

Os cegos "panglosses" recusam-se a acreditar no efeito estufa, na fusão das calotes polares e na subida do nível dos oceanos.

O discurso panglossiano surge quando, perante o quadro apocalíptico de qualquer pilhagem aos recursos e equilíbrios da Terra, há a necessidade de impor um novo negócio no mercado protésico ou de preservativos, um novo campo de negócio para exploração de mecanismos ditos alternativos ao que já se esgotou e pilhou e delapidou.

A cirurgia em geral, a transplantologia, a hemodiálise, inserem-se neste mercado "protésico" ou "preservativo", onde a tecnologia hiper-sofisticada vai gradualmente substituindo órgãos, atributos e recursos naturais.

Típico discurso panglossiano é assim o que aparece a promover os recursos minerais no fundo do Oceano, quando estes já escasseiam em terra firme (Ver artigo de Max Wilde, "Jornal de Notícias").

Típico discurso panglossiano é o que preconiza a chamada "luta biológica" contra as pragas, no termo do processo vicioso e infernal da decadência agroquímica.

Típico discurso panglossiano é, pois, o que promove soluções tecnológicas para a decadência que a própria tecnologia provocou.

Sofisma largamente difundido pelo discurso tecno-burocrata oficial e pela utopia tecnológica é o de que "o excessivo alarmismo dos eco-radicaís conduz à inacção e ao desespero."

Sofisma, de facto, porque são os eco-radicaís a preconizar, há mais tempo, a vida da vida e da esperança mais viável, mais democrática, mais adequada que é a das tecnologias leves alternativas não poluentes, criadoras e não alienantes.

Sofisma é continuar ignorando fingidamente essa proposta dos ecologistas radicaís - a vida das alternativas e as alternativas de vida - que até o gato já conhece.■

